

José Bonifácio, o pai do orgulho nacional

Por Admar Branco (*)

grafado em observância ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*,
assinado em Lisboa a 16 de dezembro de 1990

01

Leitor, escute o compasso
De um relato deslumbrante
Fosse samba-exaltação
Forró ou valsa elegante
E talvez melhor ficasse
A epopeia de um gigante

02

Porém, segue aqui sem pressa
No leve andar do cordel
Um filme em câmera lenta
Contando sem escarcéu
E aos poucos fazendo ver
Seu mote livre de véu

03

José Bonifácio foi
Bravo artífice da paz
Com a força do argumento
Fez o que o guerreiro faz
Com inteligência, a arma
Para o combate tenaz

04

Foi um grande visionário
Consultor independente
Dono de grandes talentos
Cavalheiro inteligente
Amante fiel da Pátria
Um lutador renitente

05

Em “um sete meia três”
José Antônio de Andrada
e Silva nasceu em Santos
E para quem crê que nada
Na vida é por acaso
Numa data encomendada

06

Ganha o nome em homenagem
Ao Antônio padroeiro
Que todo 13 de junho
E também o ano inteiro
Recebe dos solitários
Votos ao casamenteiro

07

Porém, para sua alma
Sempre audaz e inconstante
O dever do matrimônio
Não parece interessante
Com seu olhar abrangente
Enquadra o mundo num instante

08

Quando conta 13 anos
Consta do recenseamento
Que o nome de registro
Fora do pai pro rebento
A Bonifácio José
Presta reconhecimento

09

No ano seguinte o pai
O envia à capital
E em São Paulo seus estudos
Não se atêm ao trivial
Em retórica e francês
É aluno genial

10

Nosso herói, Zé Bonifácio
No ano de 83
Fim do século XVIII
Começa o estudo de Leis
Também faz Filosofia
Dois diplomas de uma vez!

11

Sendo jovem bem disposto
Aos 20 anos de idade
Ele ingressa em Coimbra
A grande Universidade
Reformada por Pombal
Com a mais alta qualidade

12

Entregava-se à leitura
De Voltaire e de Rousseau
Diderot e Condorcet
Marmontel e Mirabeau
Filangieri e muitos mais
João Pedro é que anotou

13

Foi João Pedro Ribeiro
Em Coimbra professor
E também bibliotecário
Fica no verso o louvor
A tantos que nessa vida
Ao ofício dão valor

14

O brilho de Bonifácio
Muito deve a esse zelo
À Cultura e ao Saber
Feliz de quem percebê-lo
E à escola e ao estudo
Se dedique com desvelo

15

Teve uma carreira vária
De início advogado
Intelectual, político
Professor conceituado
Como mineralogista
Cientista renomado

16

Em “um sete oito nove”
Lhe dirigem uma loa
É chamado à Academia
De Ciências de Lisboa
Para uma viagem como
Pensionista da Coroa

17

Em Paris, com o entusiasmo
Pelos Direitos do Homem
Que vêm de ser proclamados
Os minérios quase “somem”
Mas é certo que em breve
Os estudos se retomem

18

Na Suécia e Noruega
Volta à faina do minério
E uma dúzia classifica!
O trabalho leva a sério
E fica curto o caminho
Da pesquisa ao magistério

19

No ano 1800
Regressando a Portugal
O espera a doce sina
De um enlace conjugal
E com a bela Narcisa
Formará enfim casal

20

Lecionando em Coimbra
Ouve o estrondoso alarde
De que o rei busca o exílio
Com a pecha de covarde
Dom João VI iça velas
Não há nada que o retarde

21

O motivo tem um nome
Chega ali Napoleão
Bonifácio é voluntário
No mesmo diapasão
Clandestinamente busca
Repelir a invasão

22

E se torna um dos líderes
De um movimento acadêmico
O desejo de resposta
Em Portugal é endêmico
Até militar se torna
Segue caminho polêmico

23

É tenente-coronel
E comanda a infantaria
Só quando o invasor se vai
Retorna pra Academia
Se uma bala avara o atinge
A Ciência viuvária

24

Volta a calma e ele está
Retornado à função
Quando uma revolta eclode
E em Pernambuco o irmão
Também revolucionário
Perde e é posto na prisão

25

O seu coração se aflige
E ao Brasil planeja a volta
Como aqui um retirante
Leva a família de escolta
E volta a sorrir só quando
A Antônio Carlos solta

26

Em São Paulo eleito, elege
Como deputado o irmão
Que com mais cinco irá
Junto em honrosa missão
Ter às Cortes de Lisboa
Com sua orientação

27

De Bonifácio eles levam
Lembranças e apontamentos
Com propostas de mudanças
E seus desenvolvimentos
De que a a gente aqui precisa
Para vários segmentos

28

Como o confisco e a venda
Das terras improdutivas
Que vá para o interior
A sede administrativa
E com universidade
A Colônia fique ativa

29

Advoga a iniciativa
De povoar-se o sertão
Quase que vira padrinho
Sem saber, de outro varão
O mais temido de todos
Virgulino, o Lampião

30

Também integrar os índios
Vislumbra a mente fecunda
Bonifácio vive atento
À mudança que o circunda
Ele se envolve com tudo
A política o inunda

31

Sua ajuda é útil quando
Pedro, o Príncipe Regente
Recebe de Portugal
Um convite intransigente
Que volte à Europa em breve
E manobra alguma tente

32

“Diga ao povo que fico”
Brada a resposta em seguida
Pedro de Alcântara se mostra
Confiante, de alma erguida
Com o apoio que recebe
Torna-se mais leve a lida

33

Bonifácio em seus labores
Faz manobra de visão
Conclamando idealistas
Programa a reunião
E com o grupo seleta
Tramará discurso e ação

34

O grito do Ipiranga
Da ópera a abertura
No Apostolado é palestra
Que Bonifácio inaugura
Esse “Independência ou Morte!”
Terá sua assinatura

35

De palestra era chamado
O capítulo ou seção
Da sociedade oculta
Feita pra articulação
Com o nome de Apostolado
Cumprirá sua missão

36

Como ministro do Reino
Cabe-lhe a interinidade
Do trono do imperador
Virá para a atividade
Da Assembleia que planeja
Mudança em serenidade

37

Procuradores Gerais
Das províncias se juntaram
E por um requerimento
A Dom Pedro então instaram
A criar uma Assembleia
E a Corte desafiaram

38

Em junho de 22
Tida por reacionária
Inspirada na de Nápoles
Nela a paixão libertária
Na cena da Independência
Cantará brilhante ária

39

Em julho, o seguinte mês
Portugal faz um embargo
De armas para a Colônia
Vê-se que o remédio amargo
Contempla o envio de tropas
E o Brasil dá passo largo

40

O apoio internacional
Por Bonifácio é buscado
Paris, Washington e Londres
Cada um com um delegado
A conhecer seu libelo
Todo mundo é convidado

41

Ministro dos Estrangeiros
De Bonifácio é o ato
Um profundo manifesto
Virulento mas sensato
Contra a colonização
Mostra seu desiderato

42

Esse documento teve
O condão de motivar
As ações que se pensava
Mas faltava acreditar
Pela construção do Estado
Um impulso basilar

43

Busca desqualificar
A opção republicana
Classificando essa via
Como ideia leviana
Pois só fragmentaria
A América lusitana

44

Perante a Constituinte
Faz um discurso marcante
Contra a chaga que envergonha
A ferida lancinante
Denuncia a escravatura
Como um atraso berrante

45

Diz que deve se encerrar
Logo o tráfico de humanos
“Somos a única nação
Que comercia africanos!”
Diz que só ao despotismo
Interessavam tais planos

46

“Pois sem nacionalidade
Um povo se escraviza”
Soou longe sua voz
O conselho se eterniza
Um Brasil sem autoestima
Parece que profetiza

47

Em palavras fortes disse
Dos pecados das nações
Sobre Portugal na África
Criticou, citou Camões
Que a devastação das terras
Veio às nossas regiões

48

Argumenta que os romanos
E gregos com seus laçaios
Nisso não são bons exemplos
Para pobres *papagaios*
Copiando os “sem preceitos”
Que adoravam o deus dos raios

49

Sua fala cita a Índia
Nação onde lavradores
“Tão robustos quanto os brancos”
Prescindem nos bastidores
Da garantia inumana
Para seus agricultores

50

Na surpreendente fala
Dirigida ao Parlamento
Até uma parte do clero
Teve repreendimento
A que utilizava escravos
Para enriquecimento

51

Muitas pérolas retóricas
Do discurso recolhidas
Chocam presentes ouvidos
Se atentamente sorvidas
Como o vício da Justiça
Nas sentenças corrompidas

52

Denuncia Bonifácio
Que entre nossos magistrados
Alguns empunhavam varas
Para oprimir desgraçados
Diz que falta-lhe a esperança
De vê-los regenerados

53

Típico representante
Do período iluminista
Com a versatilidade
De um enciclopedista
Seria também chamado
Hoje de ambientalista

54

Na etnologia indígena
Ele não se sente intruso
Sobre o plantio de bosques
Detém um saber difuso
Da exploração da baleia
Rechaça todo mau uso

55

Também trouxe alguns problemas
A extrema capacidade
“Até Pedro se azedava
Com tal popularidade”
E calúnias se espalhavam
Contra a autêntica amizade

56

Sobre seus bajuladores
Comentário divertido
“Haverá gente que me
Citará sem ter me lido
E ainda aqueles sem
Jamais ter me entendido...”

57

Ao redor do imperador
As bajulações constantes
Fazem se reproduzirem
Honras e mercês brilhantes
Em folguedos de antessala
Para acordos sussurantes

58

Plácido, Francisco Gomes
E também João Carlota
Se aproximam de Dom Pedro
Vestidos de ar patriota
Para atacar Bonifácio
Já têm preparada a nota

59

Alertando para o risco
Daquele *duunvirato*
Que faz Pedro de “pupilo”
E o ministro “rei de fato”
O imperador se assusta
Tem sucesso o estelionato

60

E se origina de Pedro
A Bonifácio um cinismo
Com o intuito de deixá-lo
No mais completo ostracismo
Tudo de seu interesse
Mergulhado está no abismo

61

Mas a Pedro volta o outubro
Com o povo em movimento
Pela rua em Botafogo
Juntos pelo sentimento
Até o largo do Rocio
Pra assistir ao cumprimento

62

Ali o jovem e o velho
Num abraço de emoção
Com as turbas vindo em festa
Deram voz à compreensão
O ministro está de volta
E salva a revolução!

63

Depois de prisão e exílio
Bonifácio é o tutor
Que para Pedro II
Dá exemplo do amor
Que pode elevar o homem
Suplantando o ego e a dor

64

Ei-lo aqui: Zé Bonifácio
Pai do orgulho nacional
No passado e no presente
Amigo fundamental
De todos que sonham ver
Um Brasil pronto, afinal!

Publicado sob uma *Licença Criativa Comum*:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/deed.pt>

(*) Admar Branco, jornalista, músico e cordelista carioca, trabalhou nos jornais diários *O Globo* e *Jornal do Brasil* e tem hoje 15 anos de experiência como assessor de comunicação, lecionando também redação jornalística na Associação Brasileira de Imprensa.

Como cantor, participa em 2005 de coletânea de composições de Sergio Natureza, após lançar CD autoral em 2000 com canções agora disponíveis no site www.admarbranco.com, incluindo a musicalização de poemas de Ferreira Gullar e Mario Quintana, um deles gravado por seu parceiro Lui Coimbra.

Escreveu um poema em cordel também sobre o movimento social ao qual se dedicou por 7 anos: o da luta pela guarda compartilhada dos filhos, finalmente tornada lei em agosto de 2008; e outro sobre a Marquesa de Santos – pretexto para uma festa de lançamento que reuniu a tradicional feira nordestina e o Museu do Primeiro Reinado, residência da personagem biografada, ambos no hoje chamado Bairro Imperial de São Cristóvão, zona norte do Rio de Janeiro.